

1^{as} Jornadas DE Cerâmica Medieval e Pós-medieval

métodos e resultados para o seu estudo



Tondela • 28 a 31 de Outubro de 1992

Cerâmicas Muçulmanas, de Silves, dos séculos VIII e IX

Rosa VARELA GOMES *

1. INTRODUÇÃO

As mais antigas cerâmicas muçulmanas de Silves, atribuídas ao século VIII, foram exumadas na sua alcáçova, integrando a camada 8 que constituía a base da estratigrafia reconhecida naquele arqueossítio (Gomes, 1988). Materiais similares são contemporâneos de um dispositivo defensivo, omíada, identificado durante as escavações do espaço onde hoje se ergue o Museu Municipal de Arqueologia daquela cidade (Gomes e Gomes, 1990, 60-62). Neste local (SILV.3) reconhecemos um nível (C4b), que assentava no substrato rochoso, contendo cerâmicas pertencentes aos séculos VI-VII. Entre aquelas identificámos um pequeno *oenochoe*, com fundo plano e bordo trilobulado, semelhante a peças suevo-visigóticas de Conímbriga, assim como de necrópoles da mesma época da região de Valladolid.

Ali surgiram, também, fragmentos de *african red slip ware* (formas 62 e 103 de Hayes), um deles decorado por estampilhagem, com a representação da perna de um cordeiro (*Agnus Dei*), tal como fragmentos de taças, de cântaros e um bule, quase completo, fabricados com pastas bem depuradas, cor-de-laranja ou castanha clara, contendo elementos não plásticos de grão fino a médio, pertencentes, possivelmente, a produções bizantinas.

Apesar dos dois locais referidos apresentarem dinâmicas algo diferentes, verificámos, em ambos, que nos níveis correspondentes à primeira ocupação muçulmana da cidade as cerâmicas mostram grandes afinidades, embora demonstrem distintas proveniências. Assim, recolhemos peças claramente importadas do Oriente, oferecendo as superfícies esmaltadas e, algumas, decoração polícroma a verde e manganés, cerâmicas comuns, importadas ou produzidas localmente segundo modelos orientais, e, em maior número, formas e decorações de ascendência autóctone, de tradição tardo-romana ou visigótico-bizantina. Estes últimos materiais escasseiam nos níveis que atribuí-

mos ao século IX, sendo substituídos pelas cerâmicas claramente muçulmanas que, aliás, apresentam, em certos casos, técnica e gramática formal comuns às duas centúrias referidas.

No século IX, além de cerâmicas com superfícies esmaltadas e decoração polícroma, encontrámos, também, exemplares que utilizam a técnica decorativa da corda seca parcial.

2. CERÂMICAS ESMALTADAS E DE CORDA SECA PARCIAL

Os fragmentos recolhidos de peças esmaltadas pertencem, por enquanto, todos a taças. Estas foram fabricadas com pastas cujos núcleos oferecem cores rosadas e beges, muito bem depuradas, contendo elementos não plásticos imperceptíveis. Apenas três exemplares (Q3/C8-20; Q3/C8-21; Q3/C8-40) possuem núcleo de cor cinzenta acastanhada. Mostram formas abertas, de perfil quase hemisférico, e duas peças têm carena baixa, algo acusada (Q3/C8-40; Q3/C8-42). Os bordos apresentam as seguintes variantes: espessados e ligeiramente biselados no exterior, espessados e extrovertidos, espessados e demarcados exteriormente, extrovertidos, demarcados exteriormente e com o lábio de perfil semicircular. Os fundos são planos ou convexos (Q3/C8-39; Q3/C8-40), assentando num pé, baixo e em anel, com ligeira inclinação, ou rebordo exterior, como se observa em uma das peças (fig. 1).

As superfícies oferecem esmalte branco, aderente, em alguns casos muito brilhante. A decoração foi efectuada, unicamente, na superfície interior e os motivos utilizados são os seguintes: pingos de cor verde (Q3/C8-14), manchas de cor negra (Q3/C8-26; Q3/C8-27), pingos e linhas escorridas, de cor verde e negra (Q3/C8-21), ou, somente, nesta última cor (Q3/C8-18). Possuímos, ainda, motivos mais complexos, como a representação de um cordão composto por dois cabos, contornados a negro, sinusóidais e entrelaçados, com o interior de cor verde (Q3/C8-19), uma palmeta ladeada por elementos fitomórficos, de cor turquesa,

* Universidade Nova de Lisboa. Membro do Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa.

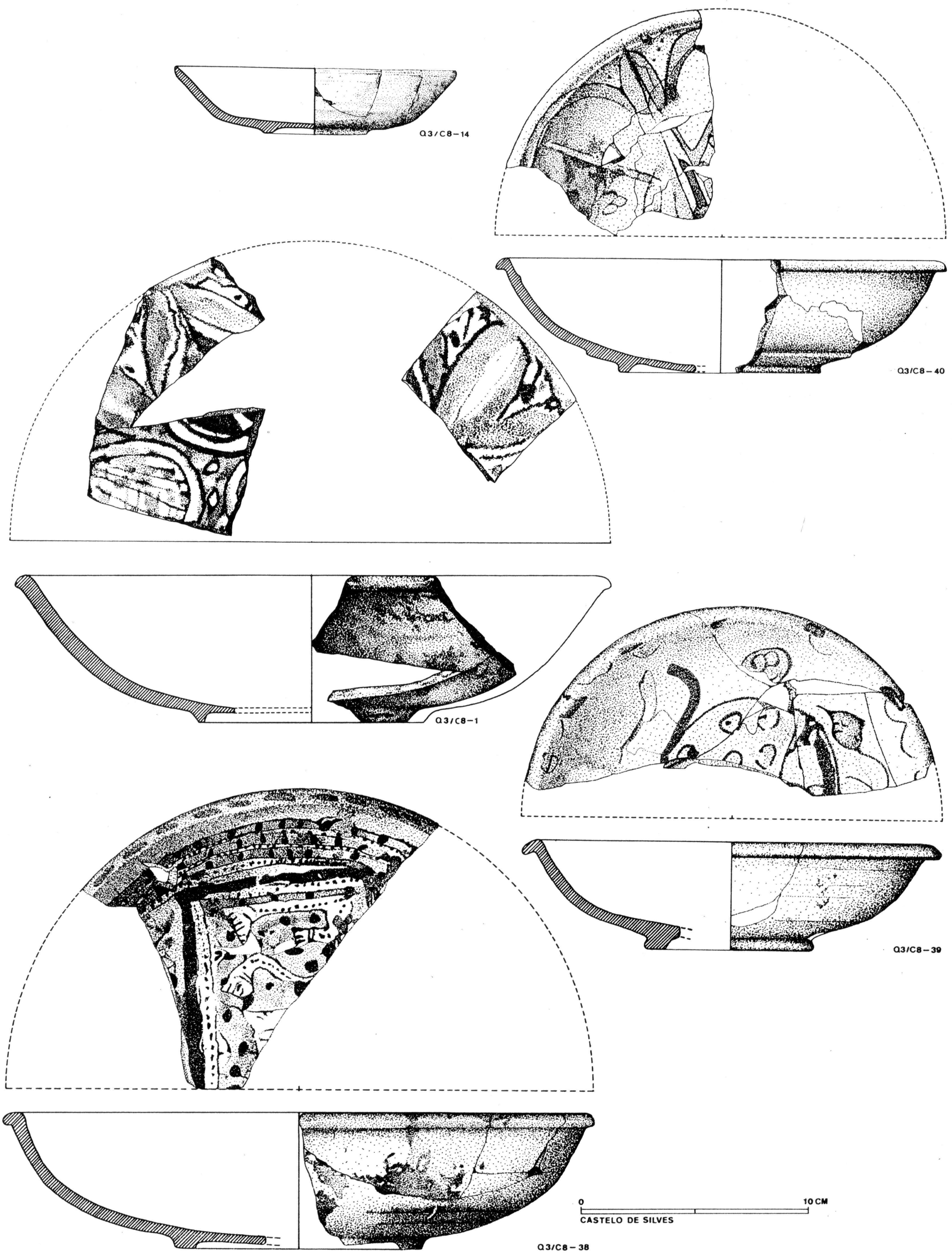


Figura 1. Taças esmaltadas com decoração polícroma. Castelo, C8 (des. de A. Machado).

contornada a negro (Q3/C8-20), um tema fitomórfico de cor negra (Q3/C8-41), ou uma composição mais elaborada, a verde e negro (Q3/C8-42). Nestas mesmas cores foram desenhados bolbos de lótus (Q3/C8-1; Q3/C8-40), com os vértices voltados para o bordo da peça, rodeados de folhagem, intercalando bolbos com o corpo subdividido, em gomos, com outros contendo o corpo segmentado por retícula. Num outro exemplar os bolbos de lótus, com os vértices voltados para o fundo da taça, alternam com pétalas. No interior de outra peça foi pintado, em tons de verde e negro, um possível motivo zoomórfico (Q3/C8-39) que, não permitiu identificação. Com estas mesmas cores foi elaborada uma banda epigráfica, que ocupa o centro de uma taça (Q3/C8-38), rodeada por linhas concéntricas preenchidas por ponteado, talvez imitando estreitas cartelas onde se inseriam frases.

Alguns dos exemplares mencionados mostram, pintados sobre o bordo, semicírculos de cor negra (Q3/C8-39; Q3/C8-41) ou pequenas manchas, espaçadas, de cor verde (Q3/C8-38).

Desconhecemos, na Península Ibérica, paralelos para as peças que referimos, tanto em relação à forma, como à temática e, em especial, à técnica decorativa empregue. Estas cerâmicas de Silves terão sido importadas e os seus possíveis paralelos, ou protótipos, encontrar-se-ão em contextos orientais.

As peças referidas, com formas abertas e bordos espessados ou extrovertidos, encontram semelhanças em taças chinesas, usuais na dinastia Tang, em particular no reinado de Tchong-Tchong (684), sendo conhecidos exemplares exumados em sepulturas perto de Xi'an (província de Xiangue-su) (Beurdeley e Beurdeley, 1974, 102). Tais cerâmicas foram produzidas nos fornos de Tongguan, em Changsha (província de Hunan), onde eram fabricados exemplares com pé baixo, em anel, ou sem pé (Watson, 1984, 84), e terão constituído o, provável, modelo formal das produções islâmicas. Aliás, as trocas comerciais entre as civilizações do Mediterrâneo Oriental e a China são remotas, existindo referências escritas, pelo menos, desde o século I. Os seus percursos coincidiam com as antigas rotas das especiarias e da seda (Mollat du Jardin e Desanges, 1989, 109, 118).

Naquele tráfico participaram populações que se converteram, ulteriormente, ao islamismo e a presença de fragmentos de cerâmica chinesa em contextos muçulmanos, recuados, do Médio Oriente, confirmam não só como estas peças eram apreciadas mas o intenso relacionamento comercial de então (Soustiel, 1985, 37).

A rota da seda, que permitia um contacto directo entre o mundo muçulmano oriental e a China, teve grande incremento na dinastia Sui, em especial com o segundo imperador Yangdi (606-616), e com os primeiros governantes da dinastia Tang. Devido a este facto, viviam, no século VIII e segundo os textos, comerciantes árabes no porto de Guanzzhou; a partir do qual se exportava cerâmica esmaltada a branco, produzida na província de Hunan (Charleston, 1971, 47; Watson, 1984, 11, 12, 226, 246).

Cerâmicas ornadas com pingos e linhas escorridas, aplicadas muitas vezes sobre engobe branco, foram produzidas, durante pouco tempo, na China, mais precisamente na época Tang, entre 680 e 750, tendo-se, apenas, continuado a utilizar, até ao século X, este tipo de decora-

ção no norte daquele território (Beurdeley e Beurdeley, 1974, 86; Charleston, 1979, 44, 45).

A não existirem contactos directos entre a China e a Península Ibérica, pressupõe-se, logicamente, a existência de centros produtores no Próximo Oriente, nos séculos VII-VIII, responsáveis pelas cerâmicas esmaltadas polícromas exumadas em Silves. Na verdade, trabalhos arqueológicos realizados na ilha Failakah, na costa do Kuwait, permitiram exumar fragmentos de taças que mostram fundos assentes num pé, baixo e em anel, semelhantes aos exemplares de Silves. As taças referidas foram atribuídas aos séculos VII-VIII e apresentam, de igual modo, pastas bem depuradas de cor creme e algumas, mais raras, de cor rosada. As superfícies têm a mesma cor da pasta, existindo outros exemplares com a superfície interior esmaltada de cor azul turquesa (Patitucci e Uggeri, 1984, 74, 77, 78, 83, 121, 131, 143).

A utilização do esmalte, mesmo o estanhífero, em peças de cerâmica não é uma inovação chinesa. Na verdade, aquela técnica tem antecedentes que remontam, na Mesopotâmia, ao III milénio a.C. e, ulteriormente, em Micenas, onde foram exumadas peças atribuídas a um período compreendido entre 1650-1510 a.C., mostrando as superfícies esmaltadas com decoração polícroma (Foster, 1979, 119, 128, 129, figs. 36, 37). Tais produções poderão constituir os antecedentes das muçulmanas, embora o pouco conhecimento que possuímos sobre os materiais esmaltados egípcios, persas, tardo-romanos, bizantinos e sassânidas, não permita grandes conclusões sobre a continuidade da utilização daquela técnica decorativa.

As cerâmicas esmaltadas, polícromas, estão representadas nos espólios recolhidos, no nível III das escavações de Tépé de l'Apadana II, em Susa, datado de meados do século VIII e que Monique Kervran (1977, 89) atribui a oficinas daquela zona. Em Tureng Tepe encontraram-se, de igual modo, no nível VIIC, classificado nos séculos VIII-IX, taças esmaltadas com decoração polícroma que oferecem motivos geométricos e outros pseudoepigráficos (Boucharat, Lecomte, Gardin e Gyselen, 1987, 22, 138). São daquela época peças provenientes da Jordânia, com a mesma técnica decorativa (Sauer, 1982, 333). Esta está presente em cerâmicas exumadas nas, muito divulgadas, escavações de Nishapur e Samarra que, no entanto, são cronologicamente algo ulteriores aos exemplares referidos, dado não podermos esquecer que a fundação de ambas cidades remonta, apenas, ao século IX.

Em relação à ornamentação representada nas peças do Castelo de Silves, nomeadamente as linhas, escorridas, de cor negra (Q3/C8-26; Q3/C8-27) e, em especial, os pingos, de cor verde (Q3/C8-14), ela encontra também paralelos no Irão, em produções esmaltadas a branco, com decoração em relevo, classificadas nos séculos VIII-IX (Charleston, 1979, fig. 3).

O tema da flor de lótus, que vimos pintado em duas taças do Castelo de Silves, é, de facto, um motivo recorrente, representado em peças de índole religiosa na Índia e na China tendo sido, como símbolo da pureza e eternidade da vida, muito divulgado pelo comércio fenício em toda a Bacia Mediterrânea (Gomes, 1988, 171). É, ainda, o símbolo da harmonia cósmica e da prosperidade, apresentando, normalmente, oito pétalas que significam as oito direções universais.

A decoração com motivos semicirculares, pintados a

negro, sobre o bordo, de duas das taças, parece-nos que poderá ser atribuída a influências sassânicas, por certo reproduzindo vasilhas, de prata, onde se observa idêntica ornamentação, mas contendo bustos humanos (Harper e Meyers, 1981, 27). Estas peças podem, de certo modo, ter servido de protótipos para as cerâmicas referidas e estão datadas entre 630 e 637, altura em que aquela civilização é conquistada pelo Islão e o seu monarca, Yazdgerd III com considerável comitiva, se refugiou na China (Beurdeley e Beurdeley, 1974, 83; Watson, 1984, 12).

Além dos ateliers de Susa que fabricavam cerâmicas esmaltadas polícromas, investigações recentes indicam a existência de mais dois importantes centros produtores daquela loiça, durante o século VIII, no Médio Oriente: Sirjan e Khurasan. Em ambos, as taças assentam em fundos com pé, em anel, muito semelhantes aos das peças de Silves (Williamson, 1987, 18, 19).

Tendo em conta as evidências arqueológicas referidas parece-nos, pois, não ser de estranhar a existência de taças esmaltadas, algumas com decoração polícroma, na camada 8 do Castelo de Silves. Tais materiais teriam ali chegado com as élites que conquistaram aquela cidade, em 713 e chefiadas por Abdalaziz, ou com os primeiros colonos muçulmanos. Estes, segundo alguns relatos, eram sobretudo populações de origem oriental vindas para o al-Andalus em verdadeiras etnomigrações, em torno a meados do século VIII. De qualquer modo, aquelas cerâmicas seriam, ainda, fruto das intensas relações comerciais que se sabe terem então existido (Arié, 1987, 18, 514).

A camada arqueológica que integrava as cerâmicas referidas foi datada pelo radiocarbono, a partir de carvões. Uma das datações, uma vez calibrada, apresenta intervalo situado entre 670-890 cal. D.C. (Ly-4167) e outra, o intervalo entre 687-788 cal. D.C. (ICEN-569), para 1 sigma, e entre 672-881 cal. d.C. (ICEN-569) para 2 sigma. Assim, ambas amostras indicam cronologias próximas e em pleno século VIII.

Nas camadas que atribuímos ao século IX (fig. 2), tanto na alcáçova como em SILV.3, as cerâmicas esmaltadas com decoração polícroma são, também, escassas e encontravam-se muito fragmentadas. Pertenciam a taças fabricadas com pastas, de muito boa qualidade, com núcleo de tons rosados e beges. Possuímos, apenas, um exemplar com porção do bordo (Q15/C6), espessado e extrovertido, com lábio de perfil semicircular, decorado com motivos geométricos, e outro com parte do fundo, plano, (Q15/C6), que oferecia na superfície interior um, possível, motivo zoomórfico. Estas cerâmicas seriam, ainda, importadas dado que só a partir do século X se terá iniciado a sua produção peninsular (Gomes, 1991, 29, 31).

Não exumámos, por ora, na camada correspondente ao século VIII qualquer fragmento de taça assente em fundo plano, tal como uma das atribuídas ao século IX. Esta forma deve ter sido fabricada em Jiruft, o único centro produtor, de cerâmicas, onde são conhecidas peças com aquele tipo de bases (Williamson, 1987, 19).

De entre as cerâmicas esmaltadas, apenas uma taça (SILV.3 Q30/C3) mostra diferente tratamento das superfícies, tendo sido produzida com pasta de cor bege, muito bem depurada e contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino. Apresenta bordo com lábio de perfil semicircular, assentando em pé, baixo, anelar. Ambas superfícies oferecem esmalte branco, de muito boa quali-

dade, com largas linhas escorridas de cor verde. Esta forma e, em especial, a técnica decorativa utilizada, cuja origem poderia ser chinesa, conforme referimos anteriormente, teve grande divulgação, durante o século IX, tanto no Irão como no Iraque, Síria e Egito. Pode apresentar uma ou mais cores e utilizar, em simultâneo, decoração esgrafitada. Encontramos peças muito similares, a este exemplar de Silves, nos níveis mais antigos de Nishapur e, entre outros locais, em Tépé de l'Apadana, ambos do século IX (Kervran, 1977, 89, 152; Soustiel, 1985, 42; Wilkinson, 1973, 54).

Julgamos poder atribuir a importações, orientais, fragmentos decorados com corda seca parcial, pertencentes a jarros e a taças fabricadas com pastas muito bem depuradas, contendo elementos não plásticos, de grão finíssimo, e paredes com núcleo de cor amarela clara, algo acinzentada ou rosada.

Dois dos jarros apresentam porção do bordo, tendo um deles lábio afilado, de secção semicircular (Q3/C6-2), e outro o bordo inclinado, exteriormente, com lábio de perfil semicircular (Q15/C6). Somente uma das taças (Q3/C6) mostra porção do fundo, assente em pé, baixo, anelar.

A mesma técnica foi utilizada na ornamentação de um aquamanil proveniente do Cerro da Vila (Vilamoura), encontrado desprovido de contexto arqueológico e atribuído ao século XI (Matos, 1991, 249, 435, 449). Tal cronologia é a normalmente aceite, na Península, para aquele tipo de decoração devido, segundo certos autores, ao alegado fraco poder económico que terão possuído os vários reinos taifas e, por isso, a terão utilizado em substituição da corda seca total, considerada mais dispendiosa e de difícil elaboração (Bazzana, 1983, 119; Retuerce e Zozaya, 1986, 71; Rosselló-Bordoy, 1978, 117; 1980, 305; Zozaya, 1980, 281; 1981, 41, 43).

O referido argumento não nos parece muito convincente, visto ser aquela época conhecida pelo incremento dado às letras e às artes. Recordemos, a propósito, a tentativa de vários pequenos reinos muçulmanos, do al-Andalus, não só em rivalizarem com o esplendor do período anterior mas o facto de terem herdado as possibilidades, políticas e económicas, capazes de suportarem, mesmo que fugazmente, as suas independências.

Em termos puramente técnicos, parece-nos ser mais natural a evolução da corda seca parcial para a total, que o retrocesso de uma solução, apurada e bem elaborada, para outra de inferior qualidade e valorização plástica. Aliás, no Médio Oriente a corda seca parcial tem antecedentes que remontam aos séculos VII-VIII, nomeadamente em Susa, pelo que não é de estranhar que tal técnica ornamental tenha existido nos estratos (C6), atribuídos ao século IX, da alcáçova de Silves. Será de conferir idêntica cronologia à peça mencionada de Vilamoura, cuja forma parece derivar de recipientes dos séculos VII-VIII (Gomes, 1988, 103, 104; Soustiel, 1985, 30). Recentemente, em Almería, têm vindo a ser datadas nos séculos IX-X cerâmicas que utilizam aquela mesma técnica decorativa (Bédmar et alii, 1993, 92).

3. CERÂMICAS COMUNS

Este conjunto integra, sobretudo, peças que têm antecedentes autóctones, como os alguidares, frigideiras e

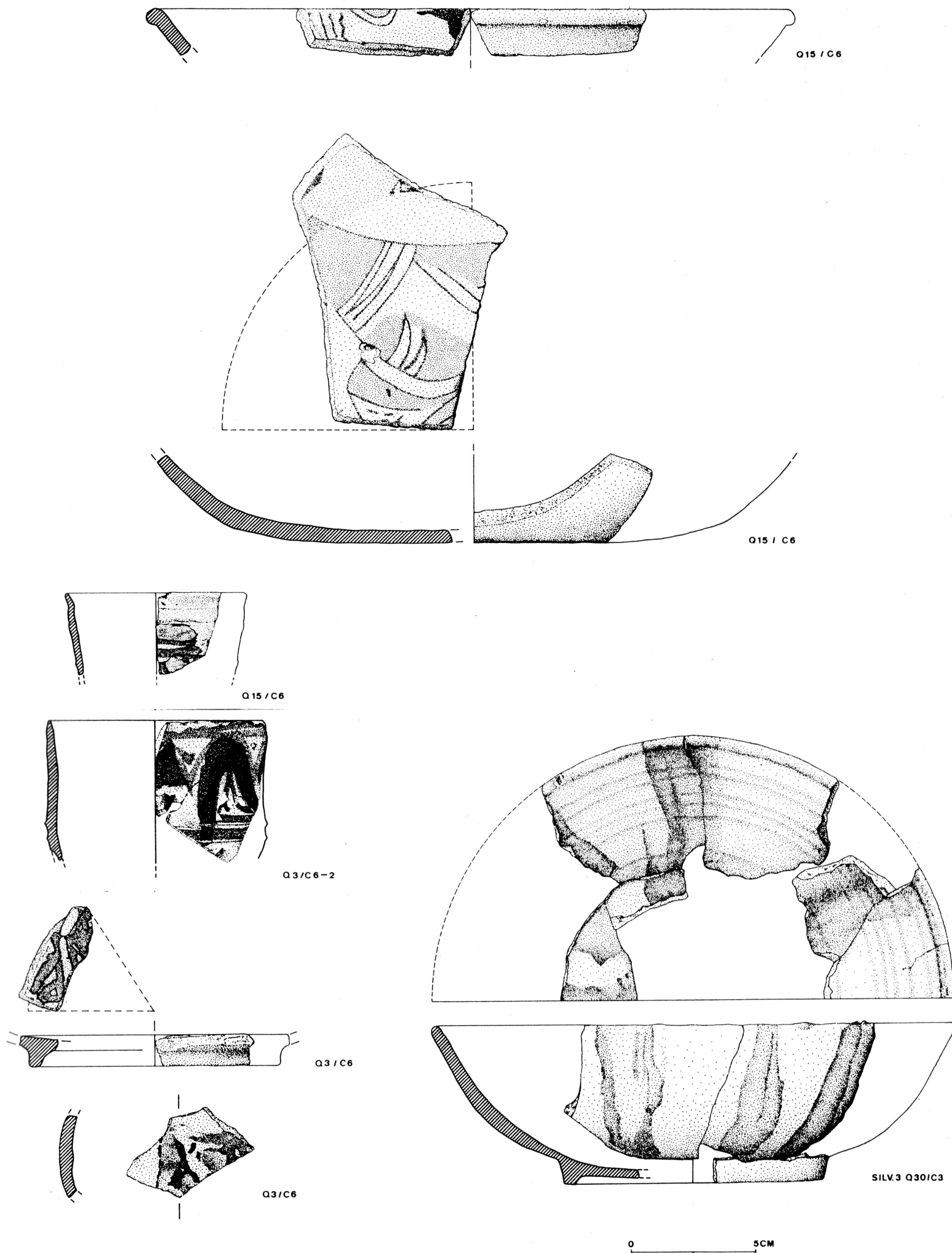


Fig. 2. Fragmentos de taças esmaltadas, com decoração polícroma, de jarros e de taça, de corda seca parcial. Castelo, C6. Taça esmaltada com linhas, escorridas, de cor verde. SILV.3, C3 (des. de A. Machado e R. Sousa).

panelas, entre outras. Possuímos cerâmicas que, pela pasta, forma e técnica decorativa utilizada, são marcadamente muçulmanas podendo, neste caso, terem sido produzidas localmente ou serem importadas. Entre estas contam-se as taças, os púcaros e um tambor.

3.1. Cerâmicas de tradição autóctone (figs 3 e 4)

Foram fabricadas com pastas cor-de-laranja, vermelhas e cinzentas, contendo elementos, não plásticos, de grão fino a grosseiro. As superfícies são da mesma cor da pasta ou mostram tom algo mais escuro. As superfícies exteriores das frigideiras e panelas apresentam manchas de cor negra, devido a intensa utilização ao fogo.

Os alguidares (SILV.3 Q37/C3; Q3/C8-23) têm bordos extrovertidos, lábios de secção semicircular, e assentam em fundos planos ou algo convexos. Ambas variantes podem ter as superfícies interiores brunidas e um deles (Q3/C8-23), oferece a superfície exterior decorada com dois cordões digitados em relevo (Gomes, 1988, 191). Não exumámos, por ora, estas formas nos níveis pertencentes ao século IX e o exemplar com decoração exterior tem antecedentes peninsulares mais recuados. De facto, encontrámos possíveis paralelos para tais peças em Conímbriga que, embora apresentem forma e decoração semelhantes, foram datados do século V (Alarcão, 1975, 106, fig. XL). Um dos alguidares referidos (SILV.3 Q37/C3) é similar ao exumado no silo M/7 do Cerro da Vila (Vilamoura), oferecendo a superfície interior brunida mas, tal como outras peças destituídas de contextos precisos daquele arqueossítio, é atribuído aos séculos IX-X (Matos, 1991, 429, 438, 454).

As frigideiras são os artefactos que exumámos em maior número nos níveis mais antigos, tanto no Castelo como em SILV.3, sendo muito escassas no século IX, em particular os exemplares carenados, apresentando duas asas opostas com secção oval. Estas mostram bordos com lábio de secção semicircular, algo biselado no interior ou ligeiramente aplanado, e assentam em fundo plano ou algo convexo. Existem ainda frigideiras com forma de tendência hemisférica, com bordos e fundos semelhantes às anteriormente descritas, mas desprovidas de asas.

Umas e outras parecem ser o resultado da persistência, formal e funcional, de peças romanas, como as imitações tardias dos *pompejanish-rotten-platten* de que se conhecem exemplares, entre outros locais, em Conímbriga, na ilha do Pessegueiro e na Rocha Branca (Alarcão, 1975, 31, est. XXXVI; Alarcão, Delgado, Mayet, Alarcão e Ponte, 1976, 54, 131; Gomes, Gomes e Beirão, 1986, 80; Silva, Soares, Dias e Soares, 1984, 23, 38).

As formas carenadas são semelhantes a algumas exumadas nos silos L/16 e K/14 do Cerro da Vila, em Vilamoura (Matos, 1991, 429, 437, 453), e outras similares foram recolhidas na área urbana de Setúbal, por Carlos Tavares da Silva, sobre camada com materiais tardo-romanos.

As panelas apresentam bordos, com lábio de perfil semicircular ou algo aplanado na parte superior, e espessados no exterior. As duas asas, opostas, de secção oval, são verticais, em algumas sobrelevadas, e uniam o bordo ao bojo da peça. É exceção um exemplar (Q3/C8-32) com a extremidade superior da asa fixada ao colo (Gomes, 1988, 192). Assentam em fundos ligeiramente convexos e a

uma delas (Q3/C8) adapta-se, perfeitamente, uma tampa, com base plana, munida com pega em botão, encontrada junta.

3.2. Cerâmicas de influência exógena (figs. 5, 6 e 7)

Estes materiais apresentam pastas bem depuradas, de cores rosadas, beges e cinzentas claras, contendo elementos não plásticos de grão fino a médio. As superfícies são da mesma cor da pasta ou mostram aguada de tom mais clara. Sobre as superfícies interiores de taças ou exteriores de púcaros e de um tambor, foi pintada decoração, de carácter geométrico, nas cores laranja e vermelha.

Possuímos, também, taças, púcaros e lamparinas, fabricados com pastas semelhantes às anteriores, cor-de-laranja ou vermelhas, mostrando superfícies num tom algo mais escuro que a pasta, no caso daquelas últimas, e com decoração pintada, de cor branca, nas restantes.

As taças, tanto as fabricadas com pastas claras (SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q36/C4; SILV.3 Q37/C3; SILV.3 Q41/C3 – SILO) como as de tom avermelhado (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q38/C3), apresentam bordos planos, ligeiramente espessados no exterior e demarcados por uma incisão, com lábio de secção semicircular, por vezes algo biselado no interior, ou bordos extrovertidos, quase horizontais, com lábio de secção semicircular ou sub-retangular. Assentam em base plana ou algo convexa. Os exemplares com bordo extrovertido mostram decoração constituída por quatro bandas reticuladas executadas com bateria de pincéis (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q37/C3; SILV.3 Q38/C3) que, em dois casos (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q30/C3), estão separadas por pseudo asteriscos. Sobre os bordos dos restantes foram, apenas, pintados grupos de linhas que têm entre quatro a sete traços (SILV.3 Q36/C4; SILV.3 Q41/C3 – SILO).

Duas das taças apresentam, ao centro, reticulado semelhante ao do bordo (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q37/C3), embora inserido numa cartela definida por quatro linhas, pintadas, duas de cada lado, sendo numa ladeada por pseudo asteriscos (SILV.3 Q17/C3). Duas outras (SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q41/C3 – SILO) oferecem, centralmente, um motivo estrelar, pintado com pincel fino. Em uma delas (SILV.3 Q41/C3 – SILO) aquela decoração é formada por um círculo, a cheio, delimitado exteriormente por pequenos semicírculos, com ponto central, intercalando com séries de três traços. A outra (SILV.3 Q41/C3 – SILO) mostra, no interior do círculo, uma quadrícula delimitada por cartela definida por quatro linhas, duas de cada lado. Também uma pequena taça (SILV.3 Q36/C4) oferece, no interior do fundo, duas teorias de semicírculos, com ponto central, que intercalam com séries de três traços, formando uma espécie de métopa.

As taças, com bordos extrovertidos, encontram paralelos formais num exemplar proveniente do Cerro da Vila (Vilamoura), embora este mostre decoração bem mais elaborada e tenha sido atribuído ao século X (Matos, 1983, 388).

Também uma outra taça exumada no «criptopórtico» da alcáçova de Mértola, classificada nos séculos IX-X, tem semelhanças formais como decorativas com as peças acima referidas de SILV.3 (Torres, Palma, Rego e Macias, 1991, 503). O exemplar de Mértola exibe, além de uma quadrícula pintada sobre o bordo, motivo no interior do

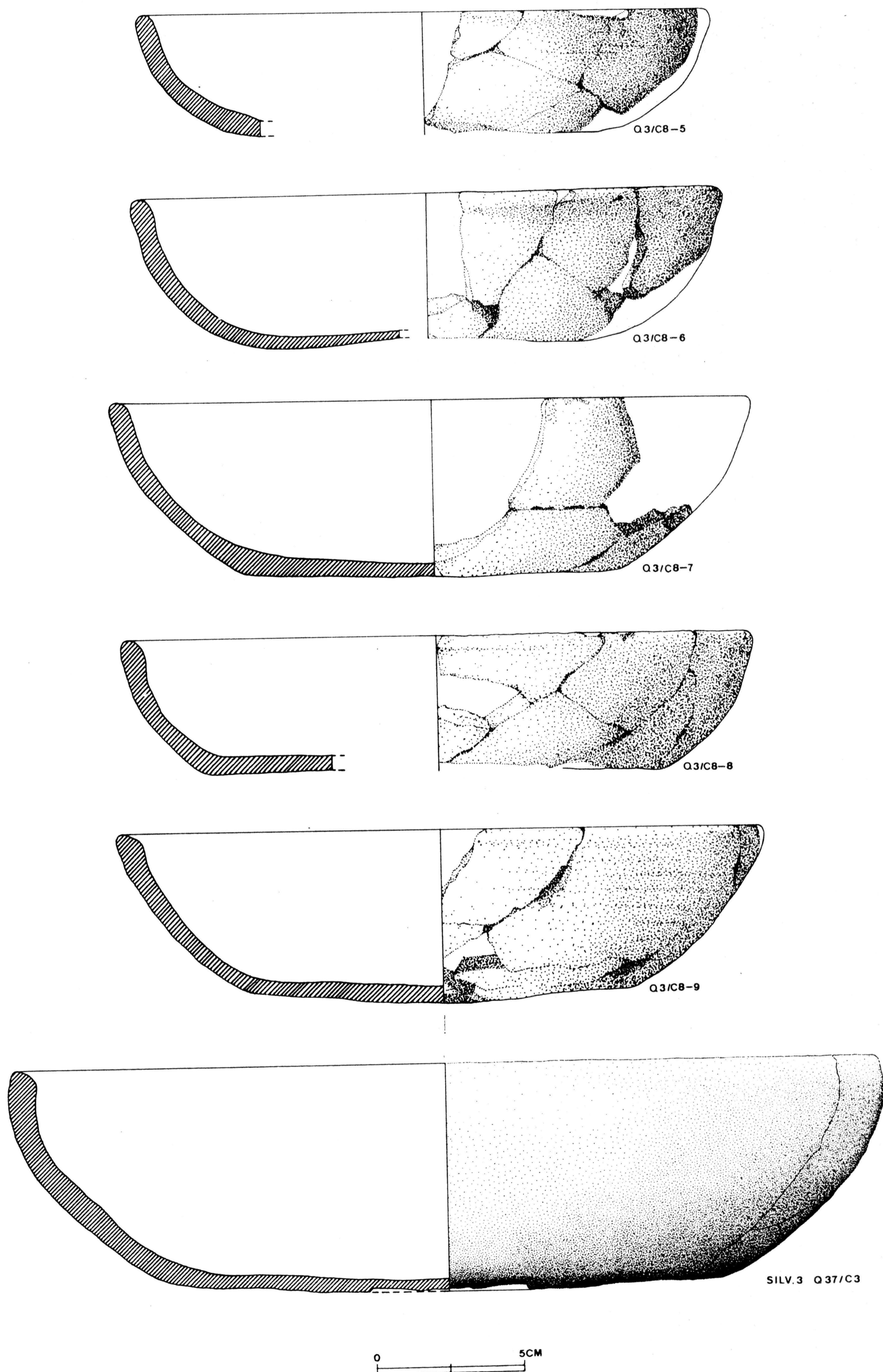


Fig. 3. Frigideiras. Castelo, C8, e SILV.3 (des. M. Carmo).

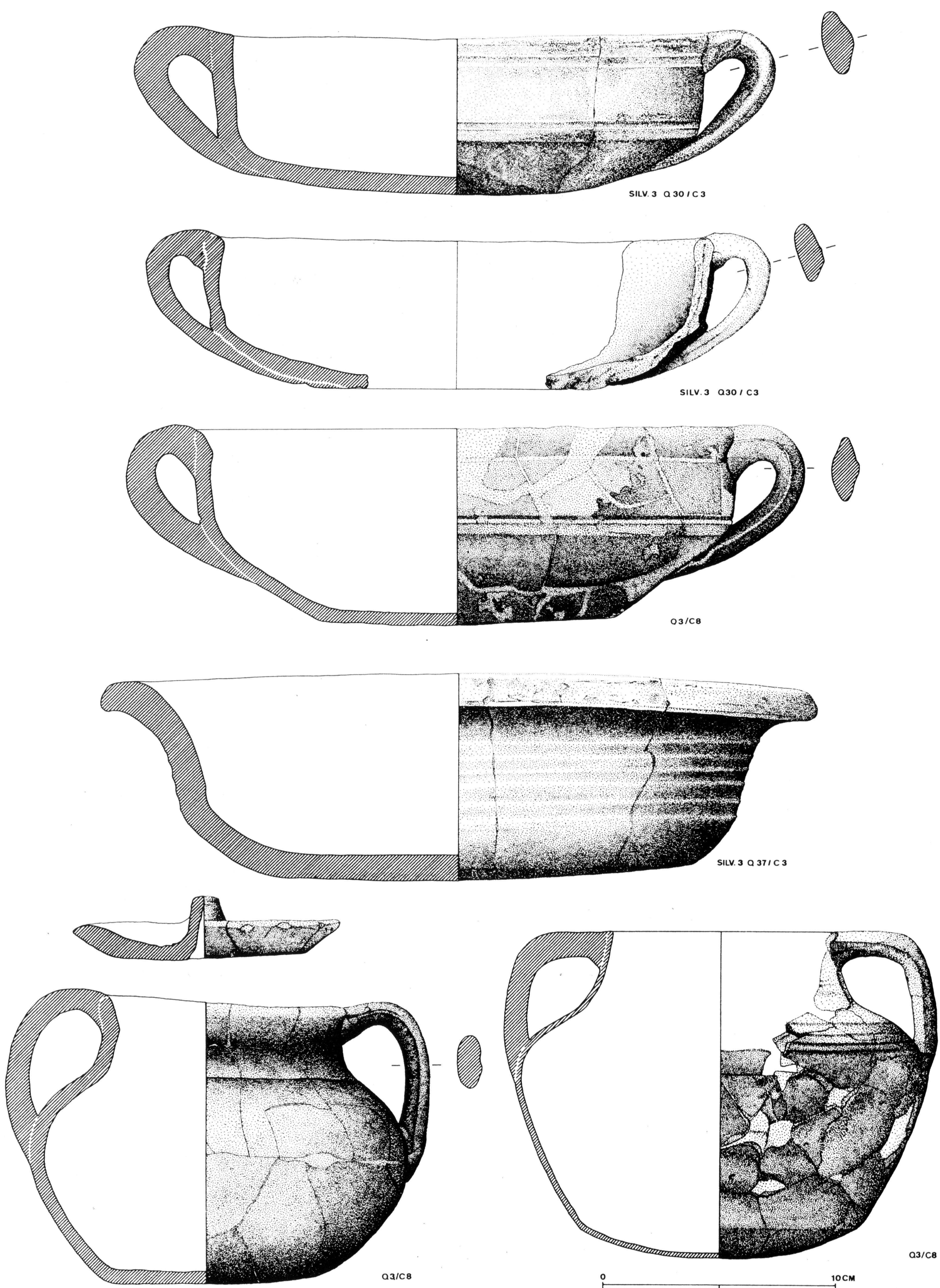


Figura 4. Frigideiras, pequeno alguidar e panelas. Castelo, C8, e SILV.3 (des. A. Machado).

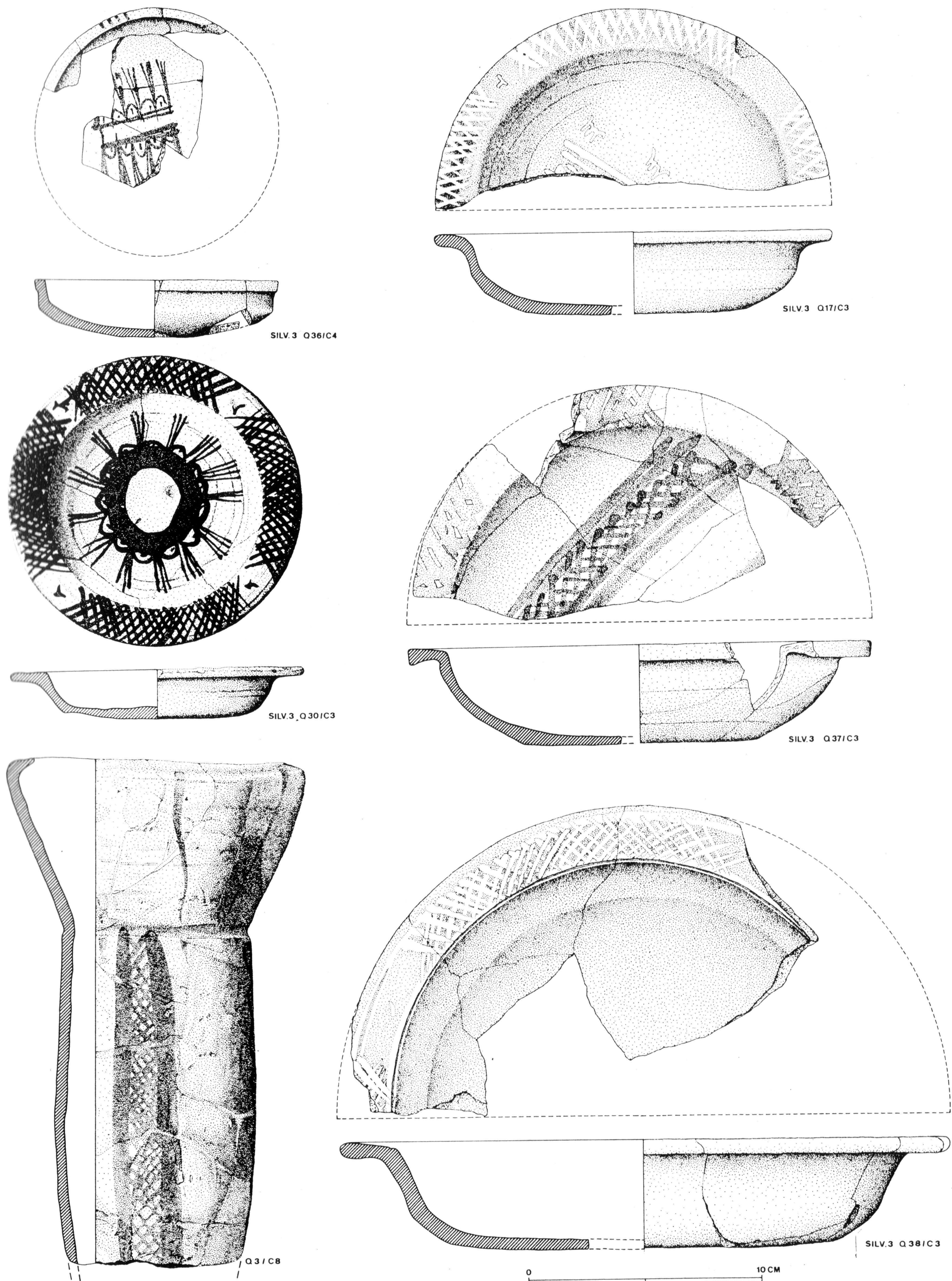


Figura 5. Taças e tambor. Castelo, C8, e SILV.3 (des. M. Carmo e R. Sousa).

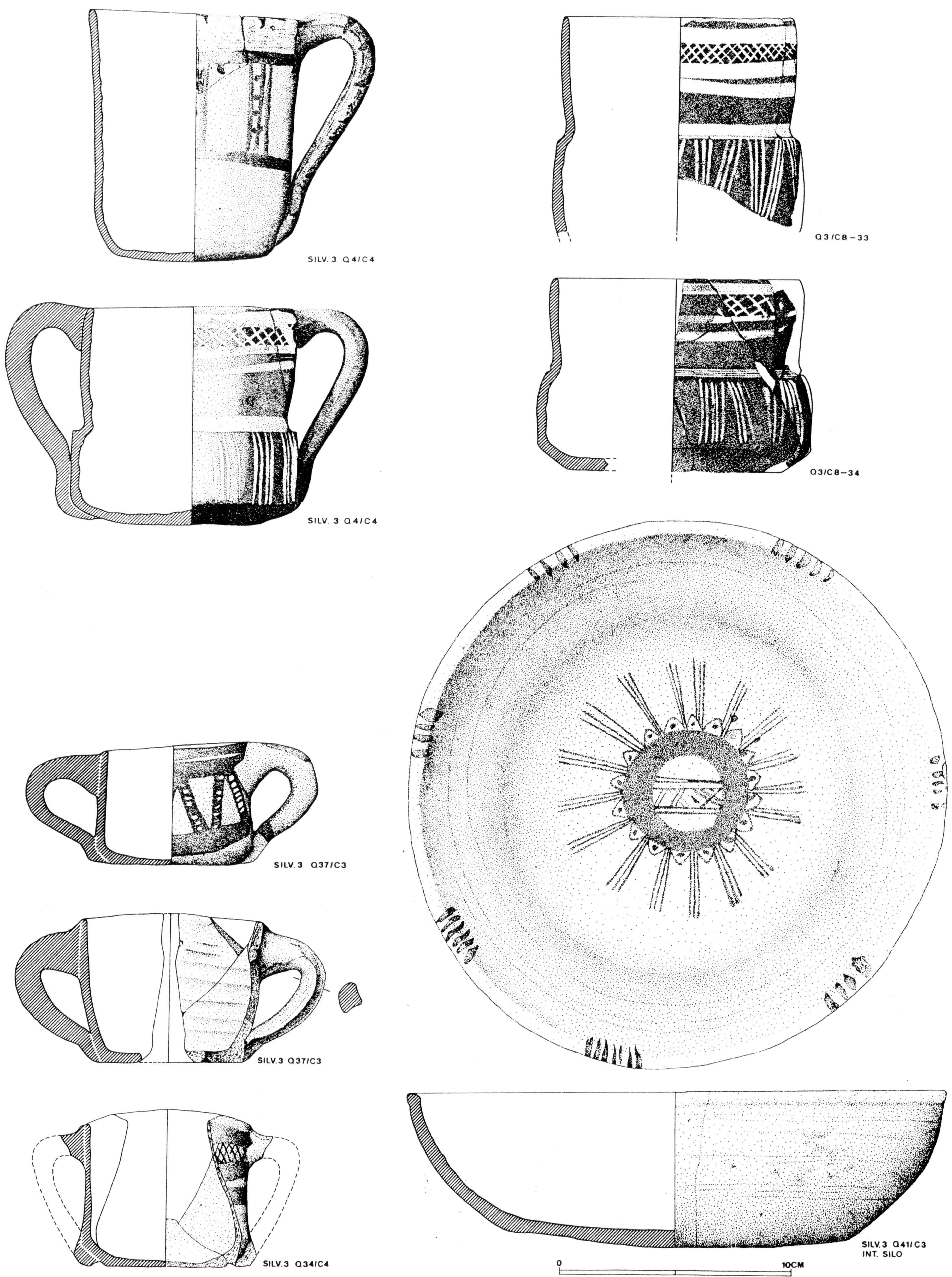


Figura 6. Púcaros e taça. Castelo, C8, e SILV.3 (des. M. Carmo e R. Sousa).

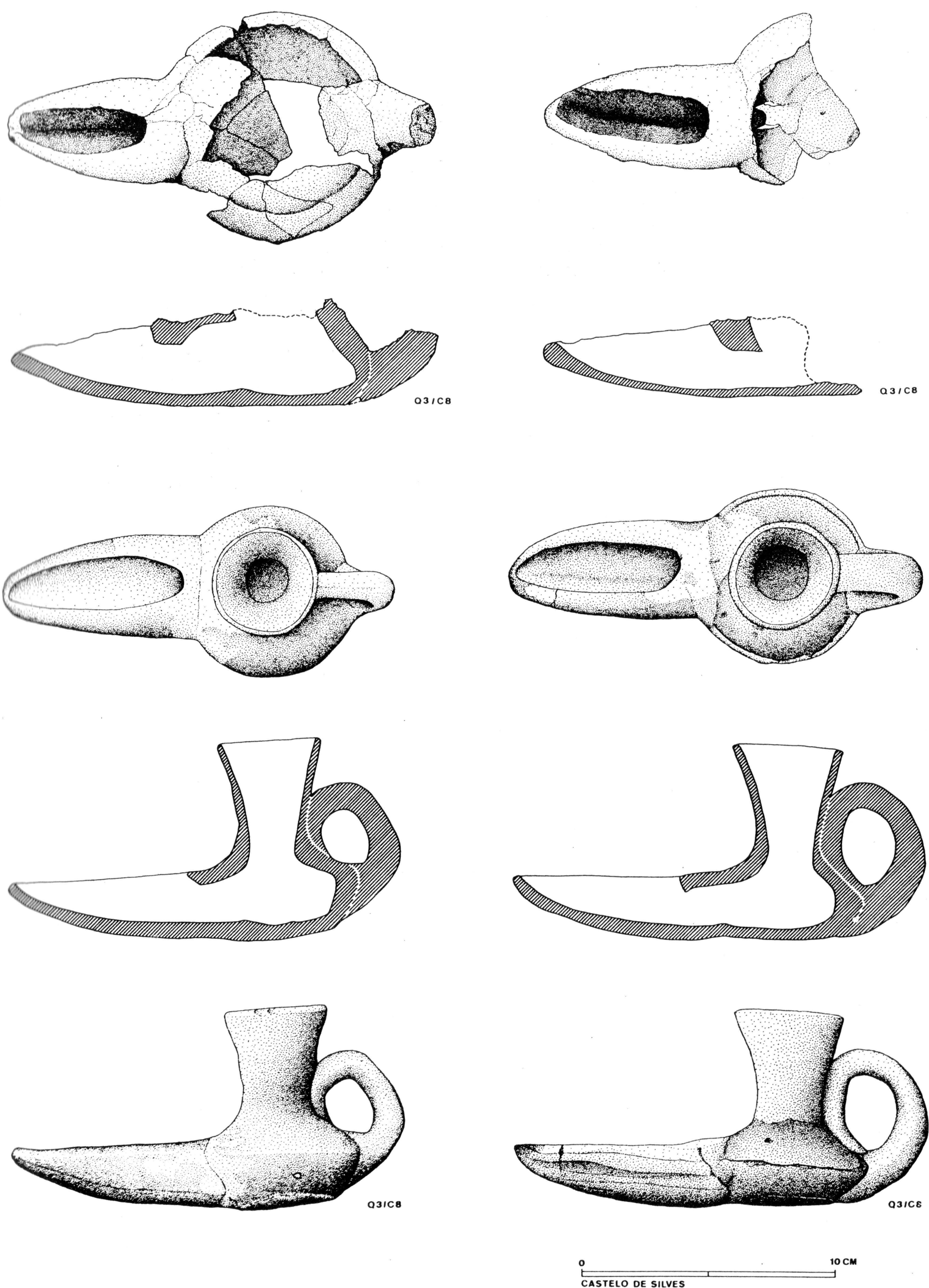


Figura 7. Lamparinas. Castelo, C8 (des. R. Sousa).

fundo, constituído por duas linhas ladeadas de semicírculos, com um ponto central, intercalando com séries de traços verticais. Conforme descrevemos, anteriormente, as decorações pintadas das taças por nós exumadas (SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q36/C4; SILV.3 Q41/C3 – SILO) apresentam aquele mesmo tema, embora com disposição algo diferente.

Decoração semelhante foi, de igual modo, utilizada no bojo de uma cantarinha, recolhida em antigas escavações efectuadas no Cerro de Vila (Vilamoura) mas que, tal como a maioria das peças daquele arqueossítio, foi atribuída aos séculos IX-X. Na camada 8 do Castelo de Silves exumámos, também, fragmentos de jarros com o mesmo tipo de decoração.

Parece-nos, pois, que as peças de Silves, Vilamoura e Mértola, podem ter sido produzidas numa mesma oficina durante o século VIII. É, contudo, provável que tais recipientes tenham pervivido, em termos formais, até ao século X. Reafirmamos, no entanto, o facto de serem, em Silves, muito escassos os fragmentos com aquela ornamentação nos níveis atribuídos ao século IX e sendo, por ora, inexistentes no século X.

A camada arqueológica que integrava duas das taças mencionadas de Silves foi datada pelo radiocarbono, a partir de carvões.

Uma das datações (SILV.3 Q30/C3), uma vez calibrada, apresentou intervalo entre 672-777 cal. D.C. (ICEN-651), para 1 sigma, e entre 659-820 cal. d.C. e 839-855 cal. D.C., para 2 sigma (ICEN-551). Esta amostra mostrou intercepção em 689 cal. d.C. A outra amostra (SILV.3 Q36/C4), ofereceu intervalo entre 885-975 cal. d.C. (ICEN-859) para 1 sigma, e entre 804-1002 cal. d.C. (ICEN-589) para 2 sigma. A intercepção desta observou-se em 897 cal. d.C. Ambas datações são, pois, estatisticamente semelhantes e confirmam a atribuição cronológica proposta.

Os púcaros fabricados com pastas claras (SILV.3 Q4/C4; SILV.3 Q34/C4; SILV.3 Q37/C3; SILV.3 Q37/C3) e os exemplares com pastas avermelhadas (Q3/C8-33; Q3/C8-34; SILV.3 Q4/C4) têm bordos com lábios de secção semicircular, uma ou duas asas, opostas, de secção oval, que ligam o bordo ao corpo, e fundo plano. Possuem duas formas distintas; uma de corpo vertical, colo alto e duas carenas, uma no colo e outra no fundo, oferecendo a segunda forma corpo cilíndrico e uma ou duas asas. Os primeiros apresentam decoração pintada, de cor branca, junto ao bordo e constituída por bandas reticuladas, com traço fino, delimitadas por duas linhas horizontais, mostrando uma terceira sob o referido motivo. A separação entre o colo e o bojo é acentuada, também, por um traço pintado. No bojo mostram séries de quatro a cinco segmentos de recta, paralelos, dispostos na vertical ou oblíquos (SILV.3 Q37/C4) formando ziguezague (Q3/C8-33; Q3/C8-34) que, em qualquer dos casos, ocupam o corpo da peça até à carena que antecede o fundo.

Os púcaros com corpo vertical mostram decoração inserida em cartelas, definidas por dois ou, mesmo, três traços horizontais. O interior das bandas apresenta séries de três traços verticais, com um ponteado entre dois deles (SILV.3 Q4/C4), segmentos de recta, formando ziguezague, preenchidos por séries de pontos, deixados em aberto (SILV.3 Q37/C3), teorias de semicírculos, com ponto central, que intercalam com séries de traços verticais (SILV.3 Q37/C3), ou quadrículas pintadas com traço fino (SILV.3

Q34/C4). Sobre as asas exibem séries de traços horizontais ou verticais.

Verificámos, em Silves, que os púcaros mais antigos assentam em fundo plano. Na verdade, as peças com corpo vertical e, em especial, os exemplares de pequena altura não foram, por ora, encontrados, em contextos ulteriores ao século IX, sendo mais abundantes nos níveis do século VIII.

O estrato arqueológico que integrava púcaros em SILV.3 (Q4/C4), foi datado pelo radiocarbono a partir de carvões (ICEN-202) e de valvas de *Cerastoderma edule* (ICEN-225). Uma das datações obtidas, depois de calibrada, apresenta intercepção em 891 cal. d.C. (ICEN-202) e intervalos entre 866-966 cal. d.C., para 1 sigma, e de 780-993 cal. d.C., para 2 sigma. A outra datação mostrou intercepção em 751 cal. d.C. (ICEN-225) e intervalos entre 683-830 cal. d.C., para 1 sigma, e 640-920 cal. d.C. para 2 sigma. Tais datações, próximas das anteriormente mencionadas, reafirmam as cronologias atribuídas.

As lamparinas, fabricadas com pastas de tons avermelhados, oferecem corpo subcircular, bico espesso e largo, em especial na ligação com o reservatório, e gargalo com lábio de secção semicircular. Possuem asa subcircular e vertical, com secção oval (fig. 7).

Descobrimos, na camada 8 do Castelo de Silves, um tambor (Q3/C8) constituído por corpo cilíndrico e campânula de forma troncocónica. O bordo da campânula é introvertido e seria tapado com uma pele. Oferece decoração no corpo, formada por quatro bandas, pintadas, com dois motivos distintos: um reticulado delimitado por dois traços largos e uma banda central, a cheio, a partir da qual se adossam semicírculos preenchidos por pequenos pontos. Peça rara nos contextos islâmicos peninsulares encontra um paralelo, mais tardio, em Múrcia, classificado, na primeira metade do século XIII e outros no Oriente, nomeadamente em Tépé de l'Apadana e em Susa, atribuídos aos séculos VIII-IX. Em ambos locais existem tambores com pastas claras, decorados com bandas pintadas, mas oferecendo o exemplar de Susa a superfície exterior esmalтada, polícroma, com rara representação de aves (Kervran, 1977, 87, 146, 147; Palazón, 1991, quadro tipológico; Rosen-Ayalon, 1974, 103, 107).

4. CONCLUSÕES

4.1 Verificámos encontrar-se em Silves, logo no século VIII e durante o século IX, importante conjunto de cerâmicas ali utilizadas pelas élites islâmicas, no caso das exumadas na alcáçova, como pela população em geral. Cerâmicas semelhantes, embora destituídas de contextos arqueológicos precisos, puderam ser identificadas em Vilamoura e Mértola.

Por não estarem publicadas, abstivemo-nos de alargar as nossas considerações a outros acervos de cerâmicas que podemos atribuir aos dois primeiros séculos de presença muçulmana no Sul de Portugal, nomeadamente aos procedentes de Lisboa, Palmela, Setúbal, Alcácer do Sal, Évora, Beja e Faro, alguns deles expostos em museus. Todavia, não constituem, em geral, colecções especialmente significativas, tendo em vista os objectivos do presente trabalho.

4.2 As cerâmicas dos séculos VIII e IX de Silves mostram origens distintas. Por um lado, detectaram-se, como seria de esperar, formas derivadas do fundo cultural autóctone, tardo-romano e visigótico-bizantino, a par de outras, até então desconhecidas, com decoração pintada, o que não era usual no Sul de Portugal. Tratam-se de cerâmicas comuns, importadas do Próximo Oriente ou do Norte de África, que julgamos terem constituído os protótipos de imitações logo produzidas em diferentes centros oleiros do Sul do nosso território. Concorre a favor desta hipótese a presença de peças cujas pastas, formas e decorações, são idênticas, em arqueossítios como Silves, Vila-moura e Mértola. Falta, no entanto, encontrar esses centros oleiros, de carácter local ou regional, não se devendo pôr de parte a hipótese de um deles, porventura um dos mais importantes, ter estado sediado em Silves. Esta foi, não só a maior e mais influente cidade do Garb al-Andalus, como um dos mais intensos focos comerciais e industriais de então. Como se sabe, a partir do *Livro do Almoçarifado de Silves* (século XV), ali terão existido olarias e fornos de cozer loiça, um deles na mouraria, onde trabalhavam, ainda naquela época, oleiros muçulmanos (Leal e Domingues, 1984, 17, 26, 31, 33, 34).

4.3 Um terceiro grupo de cerâmicas, dos séculos VIII e IX, é constituído por peças esmaltadas, algumas, apenas, de cor branca ou decoradas com pingos e escorridos de cor verde ou negra. Outras, exibem exuberantes ornamentações polícromas, nas cores verdes e manganés. Conforme argumentámos, estas terão sido importadas de diferentes centros produtores do Próximo Oriente (Sirjan, Khurasan, Jiruft), onde se fizeram sentir as influências chinesas. Todavia, não afastamos a hipótese de algumas delas poderem ser, de igual modo, de fabrico peninsular e anteriores às muito divulgadas produções polícromas do século X, denominadas de tipo Medinat-az-Zahara.

4.4 Foi, também, possível atribuir ao século IX as cerâmicas de corda seca parcial de Silves, importadas ou de produção peninsular e sendo, portanto, algo mais antigas que as exumadas em Almería, datadas nos séculos IX e X.

4.5 Conforme antes referimos, as cronologias propostas basearam-se não só na dinâmica estratigráfica dos sítios por nós investigados, como na evolução morfoestilística das cerâmicas e suas decorações, sendo confirmadas por datações radiocarbónicas. Estas foram obtidas a partir de fragmentos de madeira carbonizada e de valvas de moluscos marinhos que integravam aqueles estratos.

4.6 A presença dos materiais agora dados a conhecer deve-se à importância da Silves islâmica, estrategicamente implantada num território muito rico em recursos naturais. Estes originaram os bens capazes de suportarem economicamente as élites ali instaladas e os objectos sumptuários, como algumas das cerâmicas exógenas, por elas utilizados.

BIBLIOGRAFIA

- Arié, R., 1987, *España Musulmana (Siglos VIII-XVI)*, *História de España*, vol. III, Ed. Labor, 558 pp., Madrid.
- Alarcão, J., 1975, *La Céramique Commune Locale et Régionale, Fouilles de Conimbriga*, vol. V, Ed. Boccard, 199 pp., LXXX ests, 1 mapa, Paris.
- Alarcão, J., Delgado, M., Mayet., Alarcão, A., e Ponte, S., 1976, *Céramiques Diverses et Verres, Fouilles de Conimbriga*, vol. VI, Ed. Boccard, 258 pp., XLVIII ests, Paris.
- Bazzana, A., 1983, *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*, Ayuntamiento de Valencia, 194 pp., 50 figs, Valencia.
- Bédmar, M.D., Sánchez, P.M., Escabosa, I.F., e Martín, M. del M.M., 1993, *Vivir en Al-Andalus, Exposición de Cerámica (S. IX-XV)*, Instituto de Estudios Almerienses, 295 pp., Almería.
- Beurdeley, C., e Beurdeley, M., 1974, *La Céramique Chinoise*, Ed. Vilo, 318 pp., 159 figs, Paris.
- Boucharlat, R., Lecomte, O., Gardin, J.C., e Gyselen, R., 1987, *Fouilles de Tureng Tepe. 1. Les Périodes Sassanides et Islamiques*, Ed. Recherches sur les Civilisations, Mémoire n.º 74, 238 pp., 163 ests, 32 figs, Paris.
- Charleston, R., 1979, *Masterpieces of Western and Near Eastern Ceramics*, Ed. Kondansha, 324 pp., 120 figs, Tóquio.
- Foster, K.P., 1979, *Aegean Faience of the Bronze Age*, Yale University Press, 205 pp., London.
- Gomes, M.V., Gomes, R.V., e Beirão, C. de M., 1986, 0 Cerro da Rocha Branca (Silves) – Resultados Preliminares de Três Campanhas de Escavações, 4.º Congresso do Algarve, pp. 77-83, Racal Clube, Silves.
- Gomes, M.V., e Gomes, R.V., 1990, Dispositivos Defensivos de Silves (Algarve, Portugal), *Moçarabe em Peregrinação a S. Vicente*, Ed. Caminus, pp. 59-66, Lisboa.
- Gomes, R.V., 1988, Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb*, vol. 1, 294 pp.
- 1991, Cerâmicas Muçulmanas, Orientais e Orientalizantes, do Castelo de Silves (peças esmaltadas, polícromas e de reflexo metálico), *Estudos Orientais*, vol. II, pp. 13-39.
- Harper, P.O., e Meyers, P., 1981, *Silver Vessels of the Sasanian Period*. vol. I *Royal Imagery*, The Metropolitan Museum of Art, 256 pp., 8 ests, New York.
- Hayes, J.W., 1972, *Late Roman Pottery*, The British School at Rome, 477 pp., London.
- Kervran, M., 1977, Les Niveaux Islamiques du Secteur Oriental du Tépé de l'Apadana, II Le Matériel Céramique, *Cahiers de la D.A.F.I.*, 7, pp. 75-161.
- Leal, M.J. da S., e Domingues, J.D.C., 1984, *Livro do Almoçarifado de Silves (Século XV)*, Câmara Municipal de Silves, 151 pp., Silves.
- Matos, J.L., 1983, Malgas árabes do Cerro da Vila, *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. 1, pp. 375-389.
- 1991, Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila, *A Cerâmica Medieval no Mediterraneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 429-456, Mértola.
- Mollat du Jardin, M., e Desanges, J., 1990, *As Rotas Milenares*, Ed. Inapa, 305 pp., Lisboa.
- Palazón, J.M., 1991, *Una Casa Islamica en Murcia, Estudio de su Ajuar (Siglo XIII)*, Centro de Estudios Arabes y Arqueológicos Ibn Arabi, 276 pp., 1 mapa, Múrcia.

- Patitucci, S., e Uggeri, G., 1984, *Failakah Insediamenti Medievali Islamici, Ricerche e Scavi nel Kuwait*, «L'Erma» di Bretschneider, 458 pp., CVI ests, 2 mapas, Roma.
- Retuerce, M., e Zozaya, J., 1986, Variantes geográficos de la cerámica omeya andalusí; Los temas decorativos, *La Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Occidental*, pp. 68-128, All'Insegna del Giglio, Faenza.
- Rosen-Ayalon, M., 1974, *Ville Royale de Suse IV, La Poterie Islamique*, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 313 pp., VII ap., LXIX ests, Paris.
- Rosselló-Bordoy, G., 1978, *Ensayo de Sistematizacion de la Cerâmica Arabe en Mallorca*, Diputacion Provincial de Baleares, 338 pp., Palma de Mallorca.
- 1980, La Céramique Arabe à Majorque (Problèmes Chronologiques), *La Céramique Médievale en Méditerranée Occidentale X^e-XV^e Siècles*, pp. 297-309, Ed. C.N.R.S., Paris.
- Sauer, J.A., 1982, The Pottery of Jordan in the Early Islamic Periods, *Studies in the History and Archaeology of Jordan I*, Department of Antiquities, pp. 329-337, Amman.
- Silva, C.T., Soares, J., Dias, L.F., e Soares, A.C., 1984, Escavações Arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines). Notícia da 2.ª Campanha (1981), *Arquivo de Beja*, II Série, vol. I, pp. 11-45.
- Soustiel, J., 1985, *La Céramique Islamique*, Ed. Vilo, 427 pp., 394 figs, Paris.
- Torres, C., Palma, M.P., Rego, M., e Macias, S., 1991, Cerâmica islâmica de Mértola – Propostas de cronologia e funcionalidade, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 497-536, Mértola.
- Watson, W., 1984, *La Céramique Tang et Liao*, Ed. Vilo, 287 pp., 306 figs, Paris.
- Wilkinson, C. K. 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, Metropolitan Museum of Art, 374 pp., 200 figs, 5 ests, New York.
- Williamson, A., 1987, Regional Distribution of Mediaeval Persian Pottery in the Light of Recent Investigations, Syria and Iran, *Three Studies in Medieval Ceramics*, Oxford Studies in Islamic Art, IV, pp. 11-22, 6 ests, Oxford University Press, Oxford.
- Zozaya, J., 1980, Aperçu général sur la céramique espagnole, *La Céramique Médievale en Méditerranée Occidentale X^e-XV^e Siècles*, pp. 265-296, Ed. C.N.R.S., Paris.
- 1981, Cerâmica Andalusí, *Cerâmica Esmaltada Espanola*, pp. 37-50, Ed. Labor, Barcelona.